

A Bola entre as Canetas: trajetória e projeto em relatos orais de jovens atletas do Rio de Janeiro

Carlus Augustus Jourand Correia *

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo: O texto busca analisar e comparar a construção do projeto futebolístico de jovens atletas pertencentes à classe média/ alta e as camadas populares do Rio de Janeiro. Para isso foram entrevistados dezoito atletas, doze das camadas média/ alta e seis das camadas populares dos mais variados clubes do Estado. Através da utilização dos conceitos de, *habitus*, memória e campo de possibilidades pode-se perceber que o *habitus* influencia diretamente na construção da memória e no campo de possibilidades desses indivíduos para a constituição de seus projetos familiares e individuais. Nesse ponto, pode-se concluir uma sensível diferença entre o campo de possibilidades, o *habitus* e conseqüentemente os projetos das camadas médias/altas se comparada a das camadas populares. Isso principalmente à medida que esses projetos individuais e familiares se relacionam, evidenciado aproximações e fissuras em suas lógicas de funcionamento de acordo com a camada social.

PalavrasChave: Jovens atletas; *habitus*; projeto.

Abstract: The text searches to analyze and compare the construction project for young football athletes belonging to the middle / upper class and the lower classes of Rio de Janeiro. For that eighteen athletes were interviewed, twelve of middle / upper class and six of lower classes in various clubs in the state. By using the concepts of *habitus*, memory and field of possibilities can be seen that the *habitus* directly influences the construction of memory and field of possibilities to form their family and individual projects. At this point, we can conclude a significant difference between the field of possibilities, *habitus* and consequently the projects of the middle/upper class compared to the lower classes. This mainly as these projects are related to individuals and families, evidenced approximations and fissures in their operating logics according to social class.

Key-words: young athletes; *habitus*; project

Formação Futebolística: Um panorama

O presente trabalho busca compreender a trajetória dos jovens atletas de futebol inseridos nos centros de formação no Rio de Janeiro, avaliando através de seus relatos sobre o cotidiano as motivações, aspirações, sonhos e dificuldades enfrentadas por esses jovens esportistas e seus

* Mestrando em Educação - UFRJ. Docente da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro: SEEDUC-RJ. Especialista em Políticas Públicas em Educação. Pesquisador do NEPESS- UFF e do LABEC- UFRJ

familiares. A partir de dezoito relatos de jovens atletas de futebol oriundos das classes médias e alta, mas também das camadas populares serão compreendidos e comparados os projetos desenvolvidos por eles e seus familiares para driblar as dificuldades e percalços dentro do campo de possibilidades que lhes é dado.¹ Assim, tais relatos orais permitirão refletir quais as condutas organizadas por esses indivíduos para atingir suas finalidades específicas dentro do esporte tomando por empréstimo os conceitos de Projeto e Campo de Possibilidades de Gilberto Velho aliados à questão do *habitus* de Pierre Bourdieu.

Muito desse sonho em se tornar futebolista e construir um projeto individual e coletivo se deve a centralidade conferida ao futebol no Brasil, que conseqüentemente transforma os jogadores, principais atores desse jogo, em heróis e muitas vezes modelos a serem seguidos pela juventude e pelas crianças no país (MELO, 2006:9). Nesse aspecto, muitos jovens desde cedo buscam o sonho de se tornar jogador de futebol, justificando-se primeiramente, pela visão romantizada de alcançar a posição de seus ídolos. Para, além disso, a valorização que a sociedade dá ao futebol se materializa na exposição midiática e nos altos salários para alguns poucos atletas (SOARES, 2010:21) fato que também serve de estímulo para muitos buscarem uma ascensão social por meio do futebol.

Apesar dessa visão romantizada e da divulgação de diversas mídias sobre a imagem do jogador de futebol como um profissional bem pago, respeitado e ícone pop da cultura globalizada, existem na verdade dois outros pontos não tão glamurosos na vida desses atletas. O primeiro diz respeito à esmagadora maioria, cerca de 84% que está muito longe dos altos rendimentos conferidos por esse esporte (HELAL, 2005: 257-259). Nesse ponto, tais jogadores ganham em sua maioria menos de três salários mínimos² e atuam somente em períodos sazonais (aproximadamente entre três meses e seis meses) e com pouca ou nenhuma segurança trabalhista (VIEIRA, 2001: 259).

Todavia, esse momento pontuado pelo sucesso ou fracasso na consolidação do atleta nos mercados centrais do futebol é apenas o estágio final de um processo que se inicia ainda na infância desses jovens dentro dos centros de formação de atletas situados nos clubes brasileiros. Esse processo é longo, árduo e exige dos jovens longas horas de obtenção de capital corporal e futebolísticos que podem chegar a 5.000 (DAMO, 2007:159-160) horas desde a categoria sub-11 até a profissionalização ou como dados mais atuais mostram podem passar das 6.200 horas para o mesmo período no Estado do Rio de Janeiro (MELO, 2010:35-36).³

A formação desses atletas é atípica se comparada com as outras relações de trabalho, pois muitos entram nesse ofício antes dos 15 anos não sendo surpresa que muitos estejam no seu auge profissional no momento em que a maioria dos trabalhadores se encontra no processo de obtenção dos capitais culturais⁴ entre os 22 a 25 anos de idade. Pressionados desde cedo por treinamentos árdus e disciplinarizantes, esses jogadores possuem ao longo de sua formação a tarefa de transformarem seus corpos em máquinas, em engrenagens, que possam juntamente com seus dons futebolísticos formar jogadores-prodígio. (DAMO, 2007:146)

Um dos quesitos para se tornarem “craques” é a capacidade de aprimorarem o seu dom, ou seja, transformar suas capacidades e habilidades refinando-as para além daquelas que já dispõem independente dos treinamentos. No termo nativo essa passagem de promessa (com talento ainda no estado bruto) para o craque (com talento refinado e aprimorado) se chama “*virar realidade*”.⁵ No entanto para alcançar esse ponto são necessárias horas de treinamentos que nas categorias mais jovens ocorrem principalmente na parte da tarde, mas que ao longo da aproximação da profissionalização vão migrando para o turno da manhã e posteriormente integram dois turnos (MELO, 2010: 25).

Aliado a essa rotina intensa de treinos há também um controle excessivo dos clubes sobre os atletas no que tange a sua vida pessoal e seu comportamento fora de campo (PAOLI 2007: 95).

Nos mesmos moldes que ocorrem com os jogadores já inseridos no mercado profissional, esses jovens atletas são monitorados pelos treinadores e preparadores físicos com mostra o relato de Paulinho⁶ um dos atletas entrevistados:

...não saía muito, agora (que estou competindo) muito menos e, além disso, porque eu acho que dedicação é muito importante, fora que no clube sempre tem aquela cobrança para que você se cuide, descanse, fique em casa porque você é um atleta, logo depende do corpo para trabalhar e competir.⁷

O discurso do atleta evidencia como o clube influencia e procura monitorar o comportamento dos atletas, proporcionando um claro cerceamento das possibilidades de interação social desses jovens com outros de sua idade e até mesmo com seus familiares, quando aqueles se encontram em regime de concentração, viagens e competições (PAOLI, 2007:115).

Nesse aspecto a convivência com a família também é alterada no período de permanência nesse processo de formação. Ela pode acontecer de forma mais drástica para os meninos que treinam em estados diferentes do que moram (ficam albergados no clube) vendo os pais uma vez por mês em média⁸, ou de forma menos cabal para aqueles que moram com os pais, mas só os vêem depois de uma maratona de treinos, escola e deslocamentos.

Outro elemento importante no cotidiano desses jovens atletas em formação é a quantidade de tempo que despendem em deslocamentos na sua rotina. Esses percursos geralmente envolvem o caminho de casa para o treino, do treino para a escola e da escola para casa.⁹ Em pesquisa realizada por Melo (2010), o autor mostrou que no Rio de Janeiro grande parte dos atletas (67%) gasta entre 1 hora e 2 horas em deslocamentos diários entre esses três espaços. Nessa mesma percepção, Carvalho (2002) explicita que na cidade do Rio de Janeiro o tempo médio de deslocamentos gira em torno de 1 hora e 58 minutos e Soares (et al, 2011) complementa que a medida que os atletas vão progredindo nas divisões de base esse tempo de deslocamento se torna

maior, pois as possibilidades de colocação em clubes se torna menor e muitos necessitam migrar para lugares que lhe dêem oportunidades, independente da distância.

Por fim, o atleta em formação se depara com outro problema: a conciliação do seu tempo de formação esportiva (treinos, jogos, tratamento de lesões) com o seu tempo na escola. Mesmo que o futebol não seja um empecilho para a permanência desses jovens na escola a sua prática mostra claramente que essa permanência não é completamente frutífera (MELO 2010; SOARES 2011:1) Quando se tratam dos atletas praticantes de futebol, o desenvolvimento esportivo interfere diretamente no seu desenvolvimento escolar.

Assim, muitos deles comparecem as escolas, mas não possuem tempo para estudar ou se dedicar as atividades necessárias para um pleno aprendizado, além de faltarem muitas aulas para comparecer aos treinos e jogos. Conseqüentemente muitos buscam migrar para o ensino noturno como uma forma de conciliar melhor o futebol e o estudo (MELO 2007: 56). Esse tipo de situação corrente na realidade dos jovens aspirantes a profissão de jogador de futebol no Brasil é denominada por Arlei Sander Damo (2007) como o modelo de formação “à brasileira”.¹⁰

Esses dados nos mostram a dificuldade de conciliação entre o futebol de alto rendimento e a escola no trajeto de formação desses futuros atletas. Contudo para, além disso, fica claro que os dilemas e desafios enfrentados por esses jovens em seu cotidiano, desempenham um papel restritivo nas suas ações. Dessa forma tais desafios são elementos que ao serem percebidos pelos atletas e seus familiares ressignificam suas trajetórias profissionais, e seu projeto individual e coletivo a partir dos campos de possibilidades impostos a esses atores sociais.

Trajetórias e Projetos: A importância do *Habitus* e do campo de possibilidades

Para entender os posicionamentos e as escolhas dos jovens atletas em formação durante sua profissionalização nos centros de treinamento é preciso compreender os conceitos de Projeto e Campo de possibilidades, juntamente com as influências que esses sofrem pelo *habitus* dos atletas na sua trajetória profissional.

Primeiramente devemos entender o projeto como “uma conduta organizada para atingir finalidades específicas” (SCHUTZ, 1979:32). Essa conduta organizada pode ser elaborada por um indivíduo, um grupo social, um partido ou qualquer outra categoria. Contudo, toda a noção de projeto invariavelmente está associada à noção do indivíduo-sujeito (VELHO, 2003:39), pensado como aquele indivíduo que passou por um processo de individualização, ou seja, tornou-se o elemento socialmente significativo e valor básico da cultura moderno-contemporânea.¹¹

Desse modo, é o indivíduo-sujeito que faz projetos, pois mesmo quando esses são coletivos, na verdade resultam do compartilhamento e socialização de projetos que minimamente se englobam e entrelaçam. Esses projetos são possíveis de serem formulados e conduzidos por causa de uma memória que se baseia numa individualidade singular desenvolvida pela própria consciência do indivíduo.

Nesse ponto, a memória é um importante elemento na formulação de projetos, porque ela possibilita uma visão retrospectiva mais ou menos alinhada e linear de uma biografia específica. Sendo assim, o projeto é o olhar para frente baseado nas perspectivas passadas e orientadas por toda uma experiência e visão de mundo organizada na memória (VELHO, 2003:103). Com isso, a memória é o elo que gera os significados entre o passado e o presente para que a partir desses dois possa ser possível implementar projetos que mantenham sua trajetória.

A partir disso, torna-se necessário salientar que a memória é um processo muito mais subjetivo do que objetivo que se constrói a partir do presente, por isso ela é constantemente resignificada. Nossa trajetória de vida é constantemente dinâmica e opera sobre a memória processos de seletividade, no qual determinados elementos são esquecidos enquanto outros são ativados. Assim, recordar e contar já é interpretar, visto que a memória é seletiva e a escolha por narrar algo é uma seleção de fatos onde a memória e o esquecimento estão operando (PORTELA, 1996:4).

O projeto busca então o planejamento e o estabelecimento de um objeto e de imaginá-lo sendo realizado, ou a intenção de realizá-lo independente de o plano ser vago ou não existir um rigoroso passo-a-passo. No fim, o projeto deve ser também entendido como uma forma de negociação da realidade com outros atores sociais (VELHO, 2003:110). Assim, ele existe como uma forma de comunicação, como maneira de demonstrar interesses, objetivos e sentidos para o mundo a sua volta. No entanto, o projeto e conseqüentemente a trajetória da qual ele resulta não são produtos de decisões aleatórias e externas a ele próprio e as realidades nas quais está inserido. Nisso está inclusa a subjetividade e a visão de mundo que ele tem, podendo-se dizer, também, que há a questão do *habitus* que irá influenciar diretamente a sua formulação dos projetos e seu campo de possibilidades. O *habitus*, elemento diretamente ligado à construção dos projetos e da trajetória se caracteriza na visão bourdiesiana como:

... o princípio gerador de praticas distintas e distintivas - o que come o operário e como come, o esporte que pratica e sua forma da praticá-lo, as opiniões políticas e as formas suas de exprimi-las, que são diferentes da forma de percepção de um industrial... (BOURDIEU, 1996: 45).

Com isso, o *habitus*, é a existência do corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nele (BOURDIEU, 2011:

144). Sendo assim, os sujeitos são na verdade indivíduos que agem e conhecem um senso prático, um sistema adquirido de preferências, de princípios e de visões que normalmente identificamos como gosto ou preferência.

O *habitus*, então, seria uma “natureza incorporada” consequência das estruturas estruturantes (*modus operandi*) que fariam os agentes dialogarem com as estruturas estruturadas. Percebemos que a relação entre o *habitus*, a trajetória e o projeto é dialética, visto que ao mesmo tempo em que seus projetos são ligados a essa *hexis*, ela também é ressignificada pela trajetória em curso.

Esse *habitus* desempenha um papel central na formação da memória e conseqüentemente age diretamente nos processos de construção dos projetos e da trajetória profissional desses atletas. Não seria absurdo pensar que os projetos e trajetórias de meninos que buscam a profissionalização no esporte são muito díspares, pois suas origens sociais são muito diferentes. Dessa forma, esse conceito auxilia na compreensão dos diferentes discursos acerca da busca pela profissionalização no esporte, nas ações empreendidas por eles e no projeto traçado por eles e seus familiares, principalmente se comparamos atletas provenientes das camadas mais altas e das mais baixas da sociedade.

Ao analisarmos os projetos e trajetórias devemos associá-los com o conceito de campo de possibilidades. Esse mostra a existência de várias possibilidades dentro da trajetória seguida pelo indivíduo-sujeito ao longo de sua vida e evidencia que essa dimensão sociocultural é o espaço para a formulação e implementação de projetos diretamente relacionada com suas perspectivas.

Nesse caso, temos a ideia de que os indivíduos possuem em sua trajetória de vida projetos traçados e formulados por eles para atingir seus objetivos. Esses projetos atuam dentro do campo de possibilidades, ou seja, da própria sociedade e das várias organizações possíveis através dos

arranjos sociais que não são estáticos e que podem alterar os projetos de acordo com as possibilidades que são impostas aos agentes dentro dele (VELHO, 2003:134).

Esse conceito de campo de possibilidade permite entender o motivo pelo qual os projetos podem se alterar ao longo de uma trajetória e também auxiliam a compreensão de projetos variados na sociedade e até mesmo dentro da própria família. Desse modo, não é estranho perceber a existência de projetos múltiplos dentro dos mesmos espaços, sendo um o familiar e os outros traçados pelos indivíduos que conjugam essa união (LEVI, 1994:144).

Construindo o futuro atleta: projeto e trajetória nos relatos jovens

Os relatos orais provenientes desse trabalho foram extraídos de entrevistas realizadas com dezoito jovens aspirantes a jogadores profissionais, os quais, no ano de 2011 e 2012 treinavam em clubes de futebol do Estado do Rio de Janeiro. Entre esses jovens temos doze pertencentes as camadas médias e altas da sociedade e seis deles pertencendo as camadas mais populares.

Os jovens do primeiro grupo residem principalmente nas regiões da Barra da Tijuca, do Recreio dos Bandeirantes e de Jacarepaguá, enquanto os do segundo grupo situam-se principalmente no subúrbio do Rio de Janeiro (Maria da Graça, Olaria, Complexo do Alemão entre outros). A escolha por esses indivíduos buscou principalmente a formação de dois grupos divididos por camadas sociais, mas que dentro delas possuíam certa igualdade em condições de vida e experiências sociais.¹²

Entre esses dezoito aspirantes atletas de futebol todos estavam na escola à época das entrevistas e dos questionários e quando perguntados sobre o que procuravam fazer profissionalmente na fase adulta a resposta futebol foi unânime. A fala dos atletas mostrou a existência de um claro projeto ligado à profissionalização no futebol e para isso eles precisavam

cada vez mais aprimorar os seus capitais futebolísticos e corporais para poder ingressar nesse concorrido mercado esportivo. Contudo, o momento em que esses atletas necessitavam incorporar esses capitais (entre os 11 e 18 anos) se interpõe com o período de acumulação dos capitais culturais no interior da escola.

Nesse aspecto, o relato dos jovens atletas dos dois grupos sociais mostra que seus projetos dão preferência ao esporte do que a educação, fato que reforça a ideia do apelo e fascínio gerado pelo esporte espetacularizado em todos os segmentos sociais do Brasil. Isso mostra que os atletas têm claramente um projeto individual de tornarem-se jogadores profissionais. Observamos, no entanto, que mesmo todos possuindo um objetivo em comum, esses projetos não eram observados homogeneamente pelos indivíduos, havendo diferenças claras em função da trajetória de cada um (FERREIRA,¹³ 1994:12).

Dessa forma, o projeto dos meninos atletas (tornar-se jogador profissional) é igual a qualquer outro inserido dentro desse grupo, porém suas trajetórias permitem a observação de nuances que as diferem entre si e entre esses dois grupos.

Essas especificidades que constroem o projeto e a trajetória desses atletas são cimentadas, principalmente, pelo campo de possibilidades apresentados a eles pelo *habitus*. O *habitus* seria uma questão central na construção dos projetos desses atletas, visto que ele é um dos delineadores da visão de mundo e do senso prático dos indivíduos. Com isso, a concepção de possibilidade de fazer algo ou aceitar determinada imposição está diretamente ligada à construção dos esquemas do *habitus* que paulatinamente vão internalizando concepções e regras para ação e para os projetos individuais e coletivos.

Um exemplo disso passa pela relação desses futuros atletas com o estudo. Todos os atletas, além de se dedicar ao esporte, também vão à escola, mas, além disso, no grupo das camadas médias e altas durante todos os discursos referentes à escola esses atletas valorizaram o

ensino e a educação, mesmo que afirmem que essa não é sua preferência profissional como demonstram os relatos:

Eu queria mesmo continuar a estudar bem sabe, em um colégio bom, ter uma boa educação, mas não dá. Quero ser jogador e para isso preciso de tempo e um colégio forte me atrapalharia. Meus pais o tempo todo falam da importância do estudo, até porque eles fizeram faculdade.¹⁴

A escola é importante, é indispensável, mas o treino é mais. Para jogador o estudo não é tão importante. Meus pais me apóiam muito, mas eu sei que eles preferiam que eu estudasse e fizesse faculdade.¹⁵

Ao analisar o discurso dos atletas temos que observar com cuidado as atribuições positivas da escola e sua valorização, porque atualmente essa ideia faz parte do senso comum não compartilhando necessariamente a opinião do indivíduo. Muito mais que isso, o discurso pode ter sido construído para formar uma noção de que apesar de não estudar muito e não se esforçar na escola ele sabe que ela é importante.

Contudo, o mais importante nesses trechos é a citação aos pais e as expectativas desses sobre a prática futebolística em concorrência à escola. Os relatos mostram uma valorização do estudo pelos responsáveis e um grau elevado de escolaridade desses pais se considerados a grande maioria da população brasileira. Esses altos graus de capitais culturais aliados a uma posição social de destaque na sociedade podem nos revelar a construção de um *habitus* que valorize o estudo, a educação e, principalmente, a obtenção do capital cultural institucionalizado como forma de distinção social.

Quando nos debruçamos sobre relatos dos atletas das camadas populares a valorização da educação também existe, mas ela aparece de forma muito mais tímida e num certo tom de dúvida como evidencia o trecho abaixo:

Gosto de jogar bola, porque é o que faço bem, a escola é necessidade né, tenho que ir. Sei que a escola é importante, mas o problema é que escola não é segurança de nada. Conheço várias pessoas que tem diploma e não tem emprego ou ganham quase nada então não sei se é tão seguro assim.¹⁶

Meu pai fez só até a 8ª série e tem lá no morro uma “birosca” que dá um dinheiro bom, ele diz que ganha mais do que muita gente com estudo. Por isso ele já disse que se precisar parar um pouco de estudar pra jogar não tem problema, depois volta.¹⁷

Esses relatos mostram que entre as classes populares o discurso de ascensão social por meio do estudo ainda não se consolidou, devido principalmente as dificuldades enfrentadas por esses grupos para romper com as barreiras e gargalos impostos pelos sistemas de educação. Somado a isso, quando essas barreiras são retiradas ou diminuídas, acabam provocando uma inflação dos títulos que desvaloriza o valor de determinado grau de escolaridade pressionando os indivíduos a títulos maiores.

Essa dita inflação dos títulos faz com que atualmente o acesso das camadas populares ao ensino esteja mais difundida, mas conseqüentemente força o aumento da quantidade de tempo e investimentos sociais para alcançar títulos maiores que possam produzir distinção social. Nessa questão até mesmo o diploma de uma universidade hoje em dia não se traduz em possibilidade de colocação no mercado de trabalho e bom salário.

Além disso, nas redes de sociabilidade em que esses indivíduos estão inseridos muitos não fizeram faculdade e por isso muitos desses não pensam que podem fazê-la ou almejam fazê-la. A universidade ou até mesmo a educação não se mostra na cabeça deles como uma alternativa concreta.

Esses dois fatores geram nas representações sociais desses grupos a percepção de que a escola talvez seja um investimento duvidoso e com sério grau de risco se pensarmos no retorno e no tempo despendido nela. Dessa forma, o discurso desses jovens um contraponto aos outros dois supracitados e evidencia que a posição de descrédito na escola frente ao futebol não parte somente deles, mas também de seus pais.

Para compreender melhor isso é necessário salientar que seu pai e sua mãe não possuem o ensino médio completo, e desempenham funções ligadas a atividade manual ou que necessitam

pouco investimento de capital cultural. Esse delineamento nos mostra que esse grupo das camadas populares compartilha um *habitus*, na qual o estudo não é encarado como prioridade e há uma razão de senso prático, ou seja, do fazer em detrimento do saber. Isso influencia diretamente a construção do projeto do indivíduo, visto que a ausência do estudo não é um impeditivo para ele no seu projeto.

A partir do *habitus* e suas internalizações de disposições que parecem alheias a sua vontade, os jovens das camadas mais altas e médias que foram entrevistados parecem não conceber a possibilidade de praticar o esporte sem ter concluído pelo menos o ensino médio. Enquanto isso entre o grupo entrevistado nas classes populares a educação pode ser interrompida a qualquer momento se o futebol requer isso do indivíduo.

Essas diferenças existem principalmente pela multiplicidade de interpretações, devido a diferenças de status, trajetória e do *habitus*. Assim os objetivos dos indivíduos em seus projetos individuais e de suas famílias nos projetos coletivos são influenciados de alguma maneira pela estratificação social. Se os membros das classes altas, médias e populares aqui descritos tomam a realidade por seus desejos, é que, nesse terreno como em outros, as aspirações e exigências são definidas em sua forma e conteúdo pelas condições objetivas, que excluem a possibilidade de desejar o impossível.

Juntamente com o *habitus*, a memória (que é também um produto dele) desempenha um papel fundamental na construção do projeto desses jovens atletas, pois como se sabe a memória é construída a partir do presente, logo muitas das memórias resgatadas pelos atletas nos relatos remonta a um contato com a bola desde a infância para dar legitimidade a sua habilidade e inexorabilidade em ser jogador.

Olha desde pequeno eu brinco com a bola. A primeira bola que ganhei acho que foi com um ano e foi meu primeiro presente. Desde então não faço outra coisa senão jogar bola. Isso mostra bem como o futebol é minha vida e eu tenho que ser jogador.¹⁸

Eu já batia bola antes de nascer, minha mãe dizia que eu chutava muito na barriga dela, acho que a vontade de ser jogador vem desde esse tempo.¹⁹

Nesse ponto, tanto entre o grupo mais popular quanto no grupo das camadas mais altas os relatos mostram uma construção da memória no sentido de dar coesão e linearidade a escolha por se tornar jogador de futebol e investir num projeto desse tipo. Dificilmente o entrevistado saberia dizer qual foi seu presente de um ano, ou contato com a bola pela primeira vez. Contudo, ancorado pelas percepções do presente e pelo projeto de se tornar jogador, a memória é usada e construída no sentido de dar legitimidade e coesão a esse projeto. Esse fato fica evidente no segundo relato quando o jovem relaciona os chutes constantes na barriga da mãe com a “predestinação” em ser jogador de futebol.

Assim, o projeto depende, fundamentalmente, da memória (e do *habitus*) que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos (CAMARGO, 1996:88). No caso desses atletas, o projeto, construído da memória e do *habitus* (fruto de experiências comuns e reiteradas), também precisa dialogar com o campo de possibilidades que lhe é imposto e não é de forma alguma independente dessa memória e desse *habitus* que moldam suas fronteiras de avanços e de limites.

Sendo assim, o campo de possibilidades, ou seja, o espaço sociocultural na qual interagem esses indivíduos é desenhado pelas experiências anteriores e internalizadas desses indivíduos, mas num processo dialético esse campo de possibilidades também pode pressionar a transformação desse *habitus*.

Entre esses jovens atletas-alunos a condição econômica é um dos fatores que permite pensar a extensão do campo de possibilidades. Para os atletas provenientes das classes médias e

altas a questão econômica favorecida facilitava em certos aspectos ao alargamento do campo de possibilidades desses jovens.

Durante os relatos orais esses indivíduos salientavam como os pais ajudavam na conciliação entre o esporte e a educação e como integravam o projeto individual desses filhos que no final acabava se tornando um projeto coletivo da família como demonstram esses dois trechos.

Eu treino no Bonsucesso e meu pai me leva de carro todo dia para lá, ele muda bastante o trajeto do trabalho, mas diz que quer me dar essa força. Além disso, ele sempre compra os materiais que eu preciso e chegou a contratar um personal trainer para mim.²⁰

Meu pai era professor de educação física e sempre gostou de esporte, quando decidi que queria ser jogador ele não teve dúvidas e resolveu que iria me ajudar nos treinamentos. Como minha mãe trabalha numa empresa e ganha bem, ele em acordo com ela reduziu muito a carga de trabalho e hoje me treina quando estou nas horas vagas.²¹

Nesses trechos os atletas de classe média e alta deixam claro como a questão econômica alarga seu campo de possibilidades e produzem novas facetas na constituição do projeto. Em ambos os relatos os recursos financeiros dos pais permitem um acompanhamento mais efetivo e um suporte maior na tentativa de realizar os projetos dos filhos. Contudo não, é só o lado econômico que pode auxiliar ou não a concretização dos projetos individuais ou coletivos de se tornar jogador. O campo de possibilidades engloba também as premissas e os paradigmas culturais compartilhados por grupos específicos da sociedade e das várias organizações possíveis através dos arranjos sociais.

A partir disso, é possível pensar que estando situados em um grupo específico na sociedade na qual suas famílias estão inseridas e que valorizam a obtenção dos capitais institucionalizados e a distinção por meio deles o campo de possibilidade necessariamente passa por uma concomitância do estudo e da educação.

A posição desses jovens em estratos mais altos da sociedade pontuados por uma valorização do capital cultural e da apropriação dele como um mecanismo de distinção cria um

encurtamento do campo de possibilidades, porque eles sofrem pressões dos pais para que tenham que dedicar o seu tempo de esporte também a escola. Sendo assim, as maiores possibilidades em determinadas áreas (como seguir pela educação) acabam se tornando menos possibilidades de seguir por outro caminho como mostra o trecho:

Eu não queria mais estudar, queria só treinar,mas meu pai e minha mãe não deixam. Eu sei que poderia jogar bem melhor se só precisasse treinar, mas eles não deixam. Vou ter que terminar pelo menos ensino médio e depois posso me dedicar só ao futebol. O problema é que tem uns meninos lá no clube que só jogam e por isso acabando ficando na minha frente.²²

O relato mostra que a percepção desses pais de que há outras possibilidades concretas e reais para além do futebol, motivadas por um *habitus* construído através da valorização da escola, de encorajamentos e exortações ao esforço escolar impõem aos filhos a necessidade de se dedicar menos ao esporte e conciliar essa prática com o estudo.

Entre o grupo das camadas populares, no entanto, o campo de possibilidades é em certa parte reduzido devido às condições socioeconômicas que impõem a esses atletas algumas escolhas para continuar no esporte como fica claro nos relatos:

Eu passei no teste pra jogar no Flamengo, fui bem, os caras gostaram de mim. Mas vai ficar muito difícil eu ir treinar lá, porque moro aqui em Olaria, pra ir pra Gávea são no mínimo dois ônibus pra ir e dois pra voltar e todo dia isso. Não tenho dinheiro, por isso tive que ficar aqui pelo Olaria mesmo, “to” treinando e quem sabem a chance não aparece novamente mais tarde.²³

Esse caso, talvez o mais emblemático entre os coletados mostra como a falta de recursos, podem influenciar os caminhos desses atletas que muitas vezes precisam deixar de treinar em clubes no qual seu projeto de tornar-se jogador poderia se concretizar mais facilmente porque não possuem as formas de chegar ao centro de treinamento.²⁴ Além disso, há exemplos também de atletas que precisam abandonar o sonho do esporte porque precisam ajudar a sustentar a família.

No entanto, para esses jovens o campo de possibilidades no projeto futebolístico também se alarga em determinadas situações. Provenientes das classes populares, muitos desses jovens e

suas famílias não possuem uma percepção da educação como fator intrínseco para a ascensão social, visto que poucos nas suas redes de sociabilidade freqüentaram os meios acadêmicos mais altos e mesmo aqueles que o fizeram não possuem a garantia de colocação do mercado de trabalho.

Entre esse grupo social se percebe em grau mais acentuado de um processo de crise de confiança na educação e no seu papel de transformação da condição social. Além disso, como já foi dito, o próprio habitus desse grupo valoriza outras formas de ascensão social, principalmente através da prática, do saber fazer em detrimento do saber. Com isso, as interdições (quase *tabus*) encontradas nas classes médias e altas para que seus filhos continuem na escola e mantenham a conciliação entre a escola e o esporte são bem menores entre as camadas populares.

Nesse grupo, o abandono da escola é até certo ponto permitido (mas não incentivado), visto que para eles a percepção da possibilidade de progressão pelo esporte é muito maior do que através da escola.²⁵

Somado a isso entre os membros das camadas populares o ofício de jogador de futebol é altamente valorizado e revestido de destaque, por isso fortemente almejado e incentivado pelas famílias em seu projeto coletivo causando um incentivo a prática futebolística e conseqüentemente um aumento do campo de possibilidades para atuar nesse esporte.²⁶ No que se refere ao outro grupo pertencente às classes médias e altas, a profissão de jogador de futebol não possui a mesma representação social e as famílias ou pelo menos uma parte delas no interior do núcleo familiar preconiza a manutenção de uma “linhagem” ocupacional direcionada a determinada profissão.²⁷

Aliado a essas questões devemos afirmar que em nenhum desses grupos ou camadas sociais a trajetória e o projeto desses atletas rumo à profissionalização é construído de forma

homogênea e harmônica, pois dentre esses atletas (de todas as camadas) foi percebido que tal projeto não é meramente individual, mas sim coletivo e familiar.

Esses projetos coletivos na verdade são o entrecruzamento de vários projetos individuais dos mais diversos atores dentro do seio familiar, que mediante seu campo de possibilidades (geração em que vive gênero, redes de sociabilidades entre outros) formulam projetos próprio que pelo menos minimamente se conectam aos de outros membros da família.

Muitas vezes o campo de formulação desses projetos coletivos – e interação dos individuais – é pontuado por conflito que buscam o monopólio da ação ou das decisões sobre os projetos coletivos. Nesse ponto, em alguns projetos coletivos, mas do que em outros, os projetos individuais muito conflitantes podem gerar fissuras no projeto coletivo.

Nas entrevistas coletadas esses conflitos ficam mais evidentes principalmente entre as camadas médias e altas como mostra o relato abaixo:

Cara é bem grande o apoio. Meu pai é personal, preparador físico, então quando eu não estou treinando, eu estou fazendo um trabalho com ele. Minha mãe me apóia, mas não sei se ela quer que eu seja jogador de futebol. Ela diz que eu sou bom aluno, preferia que eu estudasse mais, até mesmo porque na família dela todos são médicos.²⁸

O relato desse jovem deixa claro, primeiramente a existência de um projeto coletivo da família para que ele se torne jogador de futebol. No entanto, entre o pai e a mãe existe uma dissonância entre os projetos individuais, visto que ele investe de forma ostensiva na profissionalização do filho, enquanto a mãe preferiria a dedicação maior ao estudo.

É possível pensar que a existência de maior número de fissuras e conflitos nos projetos coletivos dessas camadas sociais aconteça devido ao campo de possibilidades dados a cada indivíduo separadamente nesse grupo, mas também ao grupo como um todo.

Pegando o exemplo do relato acima, podemos supor que o campo de possibilidades formado pelas redes de sociabilidade e a vinculação dela a determinados grupos sociais e círculos

de pessoas (que valorizam o capital cultural) pressionam seu projeto na direção de busca de títulos e capital institucionalizado para seu filho, mas também para manutenção do *status* da família nesses círculos.²⁹

Além disso, na maioria das vezes entre essas famílias de classe média e alta, pelo menos um dos responsáveis provém de círculos com alto grau de capital cultural e que mantem em suas famílias certas tradições ligadas à determinada profissão ou a permanência em determinada instituição de ensino. Dessa forma, o indivíduo no seio da família – instituição reprodutora da estrutura do espaço social e das relações sociais – se vê pressionado a tentar manter a identidade da família através da transmissão dos ritos e crenças praticados no interior dela.

Nesse ponto, a mãe desse relato, socializada num espaço sociocultural que valorizava o estudo e que o vi como forma de distinção social e manutenção de uma identidade familiar, busca confrontar o projeto individual do marido e do filho com vistas a subverter o projeto coletivo familiar posto em prática. Em compensação o pai já tinha tentado ser atleta de futebol e claramente buscava através do filho ver o seu sonho realizado.

Para que o filho treinasse cada vez mais em alto rendimento o pai estava ano a ano colocando o menino em colégios cada vez mais fracos até o ponto em que a mãe entrevistou dizendo que o colégio mais fraco que ele poderia chegar (o seja o limite da qualidade) seria uma instituição no Recreio dos Bandeirantes, pois ela queria o filho também com o mínimo de formação escolar para as oportunidades fora do campo esportivo.

Entre os grupos mais populares o projeto coletivo, apesar de possuir também suas fissuras, não parece possuir tantas quanto nas camadas médias e altas. Em todos os relatos obtidos entre os jovens a maioria argumentava sobre como o futebol podia mudar a família de todos para melhor como o descrito abaixo:

Todo mundo aqui em casa quer muito que eu vire jogador de futebol. Porque sabe que se eu conseguir isso vai ajudar muito o pessoal aqui em casa e eu sei que vou poder dar tudo que a minha família sempre quis e precisou. Me pai ganha pouco como pedreiro e minha mãe também passando pra fora.³⁰

O projeto familiar dessa camada entrevistada parece menos conflituoso devido a própria configuração das redes sociais estabelecidas por esses indivíduos. A rede desses indivíduos apesar de ser extensa em possibilidades de ramificações é muito pequena em potência de penetração em outras camadas sociais.

Assim, há obstáculos que aprisionam esses indivíduos na sociedade e eles não são apenas geográficos, mas também relativos à sua camada social; suas características raciais e étnicas; o gênero entre outras como cita Velho:

[...] o contato com outros grupos e círculos pode afetar vigorosamente a visão de mundo e estilo de vida de indivíduos situados em uma classe socioeconômica particular, estabelecendo diferenças internas. A interação com redes de relações mais amplas e diversificadas afeta o desempenho dos papéis sociais (VELHO 1997:20).

Dessa forma, a interação entre o indivíduo e os diversos grupos presentes em uma sociedade (através dessas redes) age criando e transformando o seu campo de possibilidades. É neste cenário que as oportunidades são postas e identificadas pelo indivíduo. Um campo de possibilidades, geralmente, indica um conjunto de oportunidades as quais serão analisadas e selecionadas pelo sujeito. Nesse ponto, o futebol é visto como a principal oportunidade de ascensão social, e possível distinção da família. Por isso, os membros da mesma possuem uma maior certeza de que a ação certa é apostar tudo no esporte e mobilizar o máximo de investimentos econômicos e simbólicos nesse projeto coletivo.

Para as camadas populares em contraposição as camadas médias e altas, o futebol é muito mais do que um jogo, um esporte ou um espetáculo. O futebol para essas camadas populares se constitui numa agência formadora e uma possibilidade profissional encarada como concreta e muitas vezes mais disponível do que a inserção no mercado por títulos educacionais.

Conclusões

Para a compreensão das construções das trajetórias e dos projetos desses grupos de jovens atletas aspirantes a jogadores de futebol viu-se a necessidade da compreensão de fenômenos como a memória, o *habitus* e o campo de possibilidades.

Através da questão da memória vimos como muitos atletas a utilizam como forma de dar sentido, linearidade e coesão aos seus projetos. Essa utilização da memória na construção do projeto sempre se faz de forma retrospectiva, ou seja, a formulação de projetos futuros está ligada a toda a experiência e elementos que levaram você até aquele momento, por isso nos relatos dos atletas percebemos a utilização das ações do passado ou de atitude da mais tenra infância para legitimar um processo inexorável de profissionalização no esporte.

A memória é então um processo construído a partir do presente e de suas motivações nesse momento. Com isso, ela sofre no seu processo de formação influência direta do *habitus* na qual o indivíduo está inserido e compartilha com outros membros do mesmo grupo.

Nos relatos dos entrevistados divididos em dois grupos por camadas sociais conseguimos perceber um *habitus* ligado às camadas mais altas, mas principalmente, das camadas médias, que enxergam o estudo e o capital cultural institucionalizado como forma de ascensão social e obtenção de capital simbólico. Por isso seus projetos além de integrarem a dimensão esportiva também buscam na medida do possível criar condições de obtenção desses capitais. Para isso, os projetos são redefinidos e a variante do estudo entra mesmo que de forma secundária nos projetos desses jovens.

Em contraposição também percebemos a constituição de um *habitus* das camadas mais populares que mesmo não abandonando a escola, valorizam mais o senso prático, ou seja, o saber fazer e percebem no futebol uma possibilidade maior de ascensão social.

Assim, o *habitus* interfere não somente nos elementos valorizados por esses grupos, como também no campo de possibilidades desses jovens, pois esse campo é produto direto das observações e visões de mundo desses jovens. Esse fato leva, por exemplo, a um quase impedimento na possibilidade de abandono da escola por parte das camadas mais altas e médias, mas também a certa complacência com a possibilidade de abandono da escola caso seja necessário entre as camadas populares.

Dessa forma, as várias dificuldades e especificidades enfrentadas por esses jovens na sua formação são ao mesmo tempo redefinidoras de seu *habitus* e construtora do seu campo de possibilidades dentro do processo de constituição dos projetos. Esses projetos como vimos estão longe de ser um consenso e um espaço harmonioso, mas sim espaços de conflitos e redefinições constantes motivados pela interpenetração de diversos projetos individuais e trajetórias específicas de cada ator social que integra essa teia.

Por fim percebe-se entre as camadas altas e médias um maior grau de fissura nos projetos coletivos, fruto do seu campo de possibilidades mais alargado se comparados com as fissuras e processos de conflitos entre os projetos das camadas populares para o futebol.

Notas:

¹ O trabalho levanta a hipótese que o posicionamento social desses indivíduos influencia na construção do *habitus* e consequentemente do campo de possibilidades visto por ele.

² Segundo os dados, os salários dos 84% era até R\$ 1.000,00 reais; 13% entre R\$ 1.000,00 e R\$ 9.000,00; e 3% acima de R\$ 9.000,00 reais. ^{4ª} DIVISÃO: o lado D do futebol. *Jornal da Globo*. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 20-24 de julho de 2009.

³ Os dados referentes a 5.000 horas de atividades relacionadas a formação de atletas vem da pesquisa realizada por Arlei Sander Damo no estado do Rio Grande do Sul em 2002. Já os dados referentes às 6.247 horas foram coletados no Rio de Janeiro por Leonardo Melo no ano de 2010.

⁴ Conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu que se refere ao conjunto de competências e apetências disponíveis e mobilizáveis em matéria de cultura dominante ou legítima.

⁵ Durante várias entrevistas realizadas com os atletas em formação, esse termo foi utilizado pelos mesmos. Quando interpelados sobre o que seria isso os atletas responderam que significava se tornar o jogador no seu melhor nível.

⁶ Nome fictício

⁷ Entrevista com Paulinho, atleta e aluno morador da zona oeste, em 03/10/2011.

⁸ Essa informação foi retirada de conversas informais com alguns atletas do Vasco da Gama que são albergados.

⁹ Em alguns casos o deslocamento também pode ocorrer de casa diretamente para a escola.

¹⁰ Nesse modelo de formação que prioriza a acumulação de capitais futebolísticos por parte dos atletas através de extensos treinamentos que desde a entrada na primeira categoria de base até o primeiro jogo como profissional podem chegar a mais de cinco mil horas no Rio Grande do Sul, mas que o Rio de Janeiro mostraram superar as seis mil e duzentas horas de atividades.

¹¹ Ao contrário do indivíduo-sujeito fomentado pelas ideologias individualistas temos um indivíduo fruto de concepções englobantes e encompassadoras. Nesse aspecto questões como a linhagem, e o parentesco são vistas como mais importante no momento de formar a memória, e os projetos. No entanto mesmo em sociedade calcadas nas ideologias individualistas as noções englobantes também se fazem presentes.

¹² A divisão desses atletas em grupos camadas altas/ médias e camadas baixas foi realizado através de uma classificação de nível socioeconômico obtido através da tabulação de dados recolhidos por meio de questionário (survey) com os próprios atletas. Entre os indicadores que possibilitaram chegar a essa divisão estão nível de escolaridade do pai e da mãe, a ocupação do pai, localidade de residência (cruzando esses dados com o IBGE para reconhecer a renda média daquele CEP) e o acesso a bens culturais.

¹³ Segundo Neri a média de escolaridade da população do estado do Rio de Janeiro é em média de 9,5 anos.

¹⁴ Entrevista com Paulinho, atleta e aluno morador da zona oeste, em 03/10/2011.

¹⁵ Entrevista com Hugo, atleta e aluno morador da zona oeste, em 16/11/2011.

¹⁶ Entrevista com Renan, atleta e morador de Maria da Graça, em 01/08/2012.

¹⁷ Entrevista com Diogo, atleta e aluno morador do Complexo do Alemão, em 12/10/2012.

¹⁸ Entrevista com Rafael, atleta e aluno morador da zona oeste, em 21/10/2011.

¹⁹ Entrevista com Marco Antonio, atleta e aluno morador de Olaria, em 19/04/2012.

²⁰ Entrevista com Thiago Zanon, atleta e aluno morador da zona oeste, em 12/05/2011.

²¹ Entrevista com Paulinho, atleta e aluno morador da zona oeste, em 03/10/2011.

²² Entrevista com Rafael, atleta e aluno morador da zona oeste, em 21/10/2011.

²³ Entrevista com Diogo, atleta e aluno morador do Complexo do Alemão, em 12/10/2012.

²⁴ Não são raros os casos em que esse fato ocorre. O próprio Ronaldo de Sousa Nazário, Ronaldo Fenômeno, acabou no São Cristovão Futebol Clube, porque era mais perto de sua casa (Bento Ribeiro) do que o Flamengo e esse mesmo tendo sido aprovado nesse clube não tinha como pagar a passagem para o bairro da Gávea.

²⁵ Aqui o papel da mídia é central, pois ao irradiar uma imagem de jogadores bem pagos e famosos ela acaba criando um imaginário do esporte como oásis de riqueza. Ligado a isso é necessário salientar que num mundo tão mediado pela televisão esses exemplos quando contrapostos com a realidade dessas pessoas de dúvida sobre o papel da educação acabam por estimular a opção pelo esporte.

²⁶ Arlei Damo em seu livro *Do Dom a profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França* ressalta o prestígio e as atribuições positivas que a profissão de jogadores de futebol desempenha entre os jovens de escola pública (nível econômico mais baixo) e que esse prestígio diminui entre os membros das escolas privadas (maior nível socioeconômico).

²⁷ Em determinadas famílias a própria identidade desse núcleo se constitui pela construção de uma identidade ocupacional ligada a determinada profissão, principalmente as mais tradicionais como a medicina a engenharia e a advocacia. Nesse campo familiar, as composições de força quase sempre desiguais entre o provedor da casa e seus dominados acaba por suplantar qualquer tentativa de seguir uma ocupação fora da tradição.

²⁸ Entrevista com Pedro, atleta e aluno de um colégio na zona oeste, em 13/05/2011.

²⁹ Cabe ressaltar como já foi dito que apesar do sucesso dos jogadores de futebol em nossa sociedade e seu prestígio junto a maioria da população, entre alguns setores da sociedade a possibilidade de ter um filho jogador ainda não é vista com bons olhos.

³⁰ Entrevista com Renato, atleta e aluno morador de Vaz Lobo, em 15/05/2012.

Referências Bibliográficas.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *O poder simbólico*; tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papius, 2011.

CAMARGO, Aspásia. “História Oral e Política” In: MORAES, Marieta de Moraes (orgs), *Entre-Vidas: Abordagens e Usos da História Oral*, Rio de Janeiro, FGV, 22-31, 1994.

CARVALHO, J. M. *Contributo para a formação de jogadores de futebol: Estudo em clubes da Associação de futebol do Porto da 1º e 2º ligas de futebol profissional*. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Faculdade de Ciências do desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 2002.

DAMO, Arlei Sander. *Do Dom a Profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild Editora, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “História oral: um inventário das diferenças” ' In: MORAES, Marieta de Moraes (orgs), *Entre-Vidas: Abordagens e Usos da História Oral*, Rio de Janeiro, FGV, 97-110, 1994.

HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MELO, L. B. S. *Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro*. 2010. Dissertação de Mestrado em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

PAOLI, P.B. *Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos. Vol. 2, n° 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol 1. n° 2, 1996.

SOARES, G.J. Antonio et al. “*Jovens Esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola*”. Motriz, Rio Claro, v.17 n.2, p.252-265, 2010.

_____. Bartholo et al. Formando Jogadores de Futebol: O Impacto do Tempo de treinamento na Formação escolar de Jovens espanhóis e brasileiros. *Anais do XVII congresso brasileiro de Ciências do Esporte*, 2011.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

Informações sobre o autor

Carlus Augustus Jourand Correia
Docente da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro: SEEDUC-RJ
Especialista em Políticas Públicas em Educação
Mestrando em Educação - UFRJ.
Pesquisador do NEPESS- UFF e do LABEC- UFRJ
Rua Conselheiro Olegário 34 – apt 406 – Maracanã – Rio de Janeiro CEP:20271-090

Principais Publicações:

“Dos crimes contra a fé pública aos crimes contra a segurança da hora e honestidade das famílias e do ultraje público ao pudor: Visões sobre a prostituição entre 1907 e 1917”. In: RIBEIRO, S. Gladys (orgs), *Brasileiros e Cidadãos: Modernidade Política*. Rio de Janeiro: Alameda:408-423.

As Vozes do Gramado: Relato de ex-atletas sobre a formação do Sindicato de Futebolistas Profissionais do Rio de Janeiro (1971-1982).. *Esporte e Sociedade*, v. 15, p. 1-20, 2010.

Uma Resenha sobre o Jogo da Minha Vida: História e reflexões de um atleta. *Contemporânea (Quase Revista)*, Santa Catarina, p. 4 - 5, 02 ago. 2012.